

ROSA E O SERTÃO DAS GERAIS (SESSÃO TEMÁTICA 10: TERRITÓRIOS, LUTAS SOCIAIS E PLANEJAMENTO EM CONTEXTO DE CONFLITO)

Gabriella Roesler Radoll

UFABC | gabriella.radoll@gmail.com

Silvia Helena Facciolla Passarelli

UFABC | silvia.ufabc@gmail.com

Suzana Cecilia Kleeb

CEBRAP – Sustentabilidade | skleed@uol.com.br

Sessão Temática 10 : Territórios, lutas sociais e planejamento em contexto de conflito

Resumo: Este artigo examina a obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa como testemunho literário da realidade sertaneja, destacando sua relevância na formação da identidade brasileira, especificamente do norte mineiro. A obra é vista como um campo de interseção entre ficção e realidade, abordando as dimensões simbólicas, sociopolíticas e culturais do sertão e se estabelece enquanto memória deste. Sertão que se apresenta enquanto território de contradições, que abriga tradições e modernidades. Espera-se demonstrar como determinadas manifestações culturais, como a literatura, podem ser fontes de conhecimento acerca de uma região e/ou de suas populações e levadas em consideração no desenho de políticas socioculturais. Por meio das representações literárias, realidades fragmentadas são reunidas em um todo que nos convida a uma reflexão mais abrangente e crítica. Dessa forma, presume-se que as representações literárias podem oferecer uma visão interdisciplinar sobre as mudanças nas dinâmicas territoriais.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; norte mineiro; dinâmicas territoriais, sertão, povos sertanejos.

ROSA AND THE SERTÃO OF MINAS GERAIS

Abstract: This article examines *Grande Sertão: Veredas* by Guimarães Rosa as a literary testimony to the reality of the sertão (backlands), highlighting its relevance in shaping Brazilian identity, particularly in the northern region of Minas Gerais. The work is seen as a point of intersection between fiction and reality, addressing the symbolic, sociopolitical, and cultural dimensions of the sertão and establishing itself as a memory of it. The sertão is presented as a territory of contradictions, reflecting both traditions and modernity. This article seeks to demonstrate how certain cultural manifestations, such as literature, can serve as sources of knowledge about a region and/or its populations and be considered in the design of sociocultural policies. Through literary representations, fragmented realities are brought together, inviting a broader and more critical reflection. Thus, it is assumed that literary representations can provide an interdisciplinary perspective on territorial dynamics modifications.

Keywords: João Guimarães Rosa; northern Minas Gerais; territorial dynamics; sertão (backlands); rural communities.

ROSA Y EL SERTÃO DE MINAS GERAIS

Resumen: Este artículo examina *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa como un testimonio literario de la realidad del sertão, destacando su relevancia en la formación de la identidad brasileña, en particular en la región norte de Minas Gerais. La obra se ve como un punto de intersección entre ficción y realidad, abordando las dimensiones simbólicas, sociopolíticas y culturales del sertão, y se establece como memoria de este. El sertão se presenta como un territorio de contradicciones, que refleja tanto tradiciones como modernidades. Se espera demostrar cómo ciertas manifestaciones culturales, como la literatura, pueden servir como fuentes de conocimiento sobre una región y/o sus poblaciones, y ser consideradas en el diseño de políticas socioculturales. A través de las representaciones literarias, las realidades fragmentadas se unen, invitando-nos a una reflexión más amplia y crítica. De este modo, se presume que las representaciones literarias pueden ofrecer una visión interdisciplinaria sobre los cambios en las dinámicas territoriales.

Palabras clave: João Guimarães Rosa; norte de Minas Gerais; dinámicas territoriales; sertão; pueblos sertanejos.

INTRODUÇÃO

Quem é familiarizado com a literatura de Guimarães Rosa e visita a região do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, na fronteira de Minas Gerais com Bahia e Goiás, é cativado pelo que ali encontra: paredões de areia com gritos de araras ecoando das serras; veredas de águas refrescantes tomadas por seus buritis; comunidades quilombolas encrustadas em cânions que conforma uma grande fenda na chapada; guias declamando trechos da obra, e por vezes, para quem é grande fã, cenas inusitadas de personagens que parecem sair dos livros: rezadeiras, comerciantes, matutos, groteiros, ou mesmo alusão à Neco e Antônio Dó, jagunços famosos. São causos e estórias recontadas aos pés das árvores no pós-almoço. Poderá ainda acompanhar as festividades dos grupos de Folia de Reis, a festa do padroeiro da Serra das Araras: Santo Antônio - no mês de junho, ou ainda, no encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas – no mês de julho. Além disso, passará por localidades que fazem recorrer à memória de alguns trechos de *Grande Sertão: Veredas*: Vão dos Buracos (figura 1), Serra das Araras, Rio Pardo, Rio Preto, Rio Carinhonha. Seriam esses os mesmos lugares que permeiam as aventuras de Riobaldo? Seria a obra uma espécie de guia dessa região? Quanto se aproxima de uma possibilidade de leitura não só de suas paisagens, mas do comportamento de sua gente e da memória coletiva dessa região? O quanto a obra dialoga com as vivências inscritas nesse espaço? Essas perguntas encabeçaram a pesquisa realizada para se aproximar da leitura da paisagem sertaneja através, em grande parte, da contribuição das características socioculturais (tipos sociais e conflitos entre grupos sociais) e biofísicas abordadas na obra *Grande Sertão: Veredas*, em interlocução com as características dos povos existentes na atualidade.

Figura 1: Cânion Vão dos Buracos e o Rio Pardo



Fonte: Elaborada pela autora Gabriella Radoll, 2022.

Apesar de ser um romance ficcional, a obra apresenta camadas que revelam a história político-institucional brasileira em sua primeira experiência republicana (Roncari, 2004). O sistema jagunço e a manutenção do estado de guerra, relatado pela obra de Rosa (Bolle, 2004) definem um estado de exceção, em que estão suspensas as leis vigentes e forjadas outras pelo mais forte. As histórias de violência que marcaram a travessia de Riobaldo¹ voltam à tona e contam agora, no presente, com a estruturação de uma milícia rural que atua com participação de autoridades políticas (Camargo, 2020)².

Assim, a inclusão da literatura deve-se, entre outros, ao fato de creditar à obra a constituição de uma representação da sociedade sertaneja que, apesar de ficcional, pode ser lida enquanto um testemunho dos modos de vida e de comunicação dos sujeitos subalternos da história (Fantini, 2008), pela narração de seus fazeres, dizeres e de suas crenças. A representação exercida pela literatura reordena a realidade de forma a torná-la mais vívida do que se fosse fiel aos materiais não literários (Candido, 2007), e potencialmente conduz a novos sentidos e práticas sociais (Haesbaert, 1997).

Ao apresentar a geografia desta área, o autor apresenta um espaço fluído, que altera suas fronteiras (Sena, 2010), construído a partir de recursos narrativos e pictóricos que vão da negação à afirmação de alteridade, aproximando-se do conceito de fronteira em seus diversos aspectos sociais, econômicos e políticos. Portanto, o sertão se constitui como um lugar privilegiado para a observação de conflitos e de dificuldades próprios da constituição do humano no encontro com a sociedade, vivenciados no seu limite e no limiar da história (Martins, 2009).

Fantini defende o papel de Guimarães Rosa enquanto um transculturador ao inventariar e restaurar as formações culturais arcaicas a fim de reduzir

(...) (ou experimenta reduzir) a distância entre temporalidades e valores responsáveis pela política homogeneizadora que regulou secularmente as relações entre as metrópoles e suas colônias. (Fantini, 2008, p. 59).

Sendo assim, também transcende um espaço demarcado, com limites indiscerníveis para fazer “do sertão o espaço metafórico de transição entre o arcaico e o moderno, o regional e o urbano” (Fantini, 2008, p. 83) estabelecendo-se também enquanto zona de fronteira cultural.

Essa ponte entre memória, cultura e temporalidades diversas que Guimarães Rosa realiza, pode advir em grande parte de seu mergulho na vivência sertaneja, na observação de campo,

em anotações próprias ou relatadas que abarcavam desde fábulas e expressões populares às mais variadas descrições da paisagem e de seus elementos (como citações e descrições de plantas, animais, rios, morros e lugares).

Diante das transformações observadas advindas da diversificação de atores sociais no território e alguns fenômenos contemporâneos, com a ocupação e exploração do espaço, questionou-se quais seriam as implicações de ordem econômica, cultural e social às sociedades tradicionais deste território – gerazeiros, veredeiros, comunidades quilombolas, agricultores familiares –, referenciados pela literatura roseana e quais seriam as consequências sobre a paisagem sertaneja e seus elementos identitários.

Dessa forma, presume-se que a interação entre representações literárias e dinâmicas territoriais contribua para a compreensão das mudanças na identidade coletiva e nas relações sociais no contexto sertanejo. Assim, reconhecer e analisar as identidades e as dinâmicas territoriais a partir da contribuição literária – aqui nominada como real-ficcional – e aquelas dos povos existentes e como as identidades se reorganizam diante dos conflitos atualmente presentes, passou a ser foco na discussão desse estudo. Espera-se demonstrar como determinadas manifestações culturais, a exemplo da literatura, podem ser consideradas enquanto materiais a serem aproveitados como fonte de conhecimento acerca de uma região e/ou de suas populações e levados em consideração no desenho de políticas socioculturais.

O artigo propõe contextualizar a obra de *Grande Sertão: Veredas* e discorrer brevemente acerca da relevância da literatura para os estudos sobre a sociedade, e, dentro dessa temática, a relevância do autor e da obra escolhida em relação à realidade sertaneja, e em alguma extensão, da sociedade brasileira. Para tanto, seleciona parte do norte mineiro para o estudo das características socioculturais existentes e as dinâmicas territoriais contemporâneas que complexificam esses territórios.

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

A obra *Grande Sertão: Veredas* (GS:V)³, de João Guimarães Rosa, publicada em 1956, é ambientada em sua maior parte em Minas Gerais e nos estados próximos de Bahia e Goiás, em que tem um fundo real e

(...) aí passa-se uma história com transcendência, visando até o metafísico, seria quase uma espécie de um Fausto sertanejo. O romance trata de lutas de jagunços naquela região do interior do Brasil, com sistema quase medieval de grandes fazendeiros e com pouca justiça, pouca polícia, havia grandes lutas e vendetas entre eles, né? (Guimarães Rosa, em entrevista gravada para Walter Höllerer⁴).

A obra conta com um formato então considerado inovador, um monólogo (dialogizado, mas cujo receptor não tem voz) proferido por Riobaldo, personagem central da obra, utilizando-se da oralidade e sem divisões em capítulos. São poucas as referências temporais no livro – pode-se citar, como exemplo, relatos na obra que remetem às histórias dos jagunços

Andalécio, Antônio Dó e Neco que viveram em fins do século XIX, além da passagem da Coluna Prestes pelo norte mineiro em 1925. Muitos críticos defendem que essas poucas referências aos primeiros anos da República se caracterizam enquanto recurso literário e creditam a dimensão universal da obra ao recurso temporal-espacial que o autor utiliza de espaços-tempos moventes⁵.

A sinopse do livro é um tanto complexa, uma vez que os acontecimentos centrais – conflagrações entre grupos de jagunços – são muitas vezes pano de fundo para os conflitos interiores do personagem, bem como possibilidades de narrativas que perpassam as questões de natureza (Meyer, 2008), costumes da vida pública junto aos da vida privada (Roncari, 2004), ou ainda, os tipos sociais e os cenários (Brandão, 1998).

Ao propor narrar a história de sua vida de jagunço, Riobaldo evoca sua memória, com episódios que são interrompidos com reflexões sobre o sertão, o diabo, a existência, a moral, as crenças, homens, mulheres, jagunços, entre outros.

O senhor sabe?: não acerto no contar porque estou remexendo o vivido longe alto, com pouco carozo, querendo esquentar, demear, de feito, meu coração, naquelas lembranças. Ou quero enfiar a ideia, achar o rumorzinho forte das coisas, caminho do que houve e do que não houve. Às vezes não é fácil. Fé que não é. (Rosa, 2019, p.131).

E nesse vaguear de sua memória, ele evoca acontecimentos, pessoas e lugares, pois a memória se estabelece como um fenômeno coletivo.

A linguagem dele, tão perfeita também de entonação, é diretamente entendida pela linguagem íntima da gente – e nesse sentido ele mais que inventou, ele descobriu, ou melhor, inventou a verdade. (Trecho da carta de Clarice Lispector a Fernando Sabino em 11 de dezembro de 1956 in: Rosa, 2019, p.440).

Essa relação entre realidade e ficção, para além de uma consideração que toda obra literária é uma referência para representação do mundo⁶, é ainda mais latente na obra de Rosa. No romance GS:V os acontecimentos, as pessoas e os lugares são reelaborações do real, emanadas por vezes da oralidade dos “causos”, da música das cantigas, do imaginário popular. São reelaborados com intenções simbólicas, mas refletem a história de povos e de culturas do sertão mineiro.

Seu processo criativo envolvia o uso de suas cadernetas de anotações feitas de suas viagens pelo sertão (em 1945 e 1952), a exemplo do material recolhido para A Boiada⁷ e dos achados em seu acervo pessoal (em guarda no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP)). Nesse acervo, além dos cadernos originais, encontram-se folhetos e anotações pessoais acerca de dados demográficos publicados no momento de sua criação literária sobre o norte/noroeste mineiro, bem como desenhos do Rio São Francisco e seus portos, ou ainda, mapas e anotações. Credita-se essa aproximação sociocultural do autor não apenas durante os anos que trabalhou como embaixador para o Itamaraty, mas do início de sua carreira quando atuou como médico em Itaguara – hoje pertencente a Região Metropolitana de Belo Horizonte –

além de relatos que recebia de seu pai, comerciante em Cordisburgo, e de conhecidos em cartas⁸ que auxiliavam a retratar o sertão e o povo sertanejo.

Verifica-se ainda as confluências entre realidade e ficção à inserção de trechos relatando jagunços famosos (Andalécio, Antônio Dó e Neco, como relatado acima). Em especial, do jagunço Neco e do clima da expectativa pela chegada na região das autoridades para repressão dos criminosos, que aparecem tanto no relato da viagem expedição de Teodoro Sampaio pelo Rio São Francisco e Chapada Diamantina quanto no GS:V.

Outra contribuição a partir da leitura do livro de Teodoro Sampaio são os mapas com o nome das localidades por onde passou, como Jacaré – que aparece no romance GS:V e que hoje é a localidade (ou próxima da localidade) de Itacarambi. Guimarães Rosa alerta sobre essas mudanças de nomes, ao mesmo tempo, que serve como um recurso de escrita para seu ambiente labiríntico e, portanto, universal.

Maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, tapera dum sítio dito do Caramujo, atrás das fontes do Verde, o Verde, que verte no Paracatú. Perto de lá tem vila grande — que se chamou Alegres — o senhor vá ver. Hoje, mudou de nome, mudaram. Todos os nomes eles vão alterando. É em senhas. São Romão todo não se chamou de primeiro Vila Risonha? O Cedro e o Bagre não perderam o ser? O Tabuleiro-Grande? Como é que podem remover uns nomes assim? O senhor concorda? Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado. (Rosa, 2019, p.37).

Apesar da obra contar com uma geografia fugaz, ela vai perfazendo um mapa que muitos buscaram desvendar. As passagens literárias com descrições dos lugares, a denominação de cidades, rios, veredas e fazendas já foi objeto de estudo de alguns autores como de Alan Viggiano (2007), Almeida Toledo (1982), Willie Bolle (2004).

Nas diversas páginas do romance, Guimarães Rosa oferece variadas passagens onde se aproxima (mas sempre buscando escapar) de uma conceituação do sertão. Considerado como um dos grandes personagens do livro, ao lado de Riobaldo e Diadorim, o (S)ertão aparece na obra enquanto conceito movente (Araujo, 2018), polissêmico e interdisciplinar. Candido alega que para Guimarães Rosa o meio físico tem “uma realidade envolvente e bizarra, servindo de quadro à concepção de mundo e suporte do universo inventado” (Candido, 2002, p. 123).

Diferentemente do sertão nordestino (a caatinga), o sertão de Guimarães Rosa tem nas veredas e nos chapadões centrais do Brasil a sua imagem. A força de GS:V junto às suas demais obras foi tanta, que veio a contribuir na formação de uma identidade cultural do sertão que ficou conhecido como sertão roseano, e hoje a literatura roseana vem se estabelecendo enquanto ferramenta potencializadora do sentimento de identidade e autoestima dos povos do sertão.

A RELEVÂNCIA DA LITERATURA PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO

Na epígrafe apresentada por Antônio Candido em *O discurso e a cidade*, ele já nos alerta: “Ninguém sabe melhor do que tu, sábio Kublai, que nunca se deve confundir a cidade com o discurso que a descreve. No entanto, há uma relação entre ambos” Ítalo Calvino, *Le città invisibili* (Candido, 2023, p.18). Neste livro de ensaios, Candido relaciona o discurso - em referência à literatura, à cidade - referenciado de um modo mais amplo à realidade concreta. Busca mostrar:

(...) de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. No entanto, natureza, sociedade e ser parecem presentes em cada página, tanto assim que o leitor tem a impressão de estar em contato com realidades vitais, de estar aprendendo, participando, aceitando ou negando, como se estivesse envolvido em problemas que eles suscitam. (...) De fato, uma das ambições do crítico é mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade imaginária. (Candido, 2023, p. 9).

Dessa forma, para o autor, a literatura não se estabelece enquanto uma replicação perfeita do que conhecemos, mas sim, reordena a realidade de forma que se torne mais real do que se fosse fidedigno aos materiais não literários.

(...) o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. (Candido, 2007, p. 52).

Uma das funções capitais da ficção, para Candido, é de dar um conhecimento mais completo, mais coerente “do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres” (Candido, 2007, p. 60). Numa outra abordagem Roncari, ao relatar o processo de seus estudos discorre sobre essa oscilação de idas da história à literatura e da literatura à história. “Tanto a história me ajudava a entender as elaborações literárias, como estas me esclareciam sobre pontos essenciais daquela” (Roncari, 2007, p.10).

Para Candido (2007) as personagens, como os seres humanos, estão integradas a um tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político social, e, a partir desses valores tomam determinadas atitudes. Desse modo, conclui Candido, que ao nos depararmos com uma obra literária, nos vemos diante de uma realidade que é fictícia, mas que trata mimeticamente da realidade do momento de escrita da obra. Corroborar Roncari (2007), ao pontuar que o contexto histórico, apesar de ser apenas uma das camadas de composição do texto, não pode ser desconsiderado quando se propõe a apreender conteúdos, ainda que secundários ou extraliterários, ou ainda, quando se propõe a compreender o que está implícito no texto, como juízos étnicos e cognitivos do autor.

Em relação à Guimarães Rosa, Fantini assinala que sua obra exerce fluxos entre realidade e ficção e que “acena a promessa de integrações supranacionais de cabal importância para o

Brasil e América Latina” (Fantini, 2008); ao inventariar, restaurar e reinventar as fontes regionais, encenando processos de conversação entre várias línguas, distintos planos temporais e formações culturais.

A OBRA ROSEANA COMO MEMÓRIA DO SERTÃO

Um dos aspectos bastante ressaltados pela crítica roseana é decorrente do processo criativo de Guimarães Rosa. Muitos vão creditar a proximidade das obras à realidade pelo uso que o autor fazia de seus cadernos de observações, anotações, de seu conhecimento cartográfico, como exposto anteriormente. Assim, essas interações com o espaço sertanejo (Aguilar, 2018), os materiais decorrentes de sua própria experiência aliado a recursos imaginativo-fabulares (Alves, 2011), as anotações muito detalhadas e minuciosas acerca da natureza (Meyer, 2008), transformam sua literatura em limítrofe entre realidade e ficção (Fantini, 2008), concebendo assim o espaço, sua fauna e sua flora, os costumes do povo sertanejo tão próximos da realidade.

Na correspondência com seus tradutores, Guimarães Rosa explica termos, elucida vocábulos e trechos, com esclarecimentos léxicos ou estilísticos, ou mesmo, propunha equivalentes na respectiva língua (Rónai, 2020). Numa dessas cartas, enviada ao tradutor italiano Edoardo Bizzari, explicava os gerais, as chapadas e chapadões, a vegetação do cerrado e o sentido da palavra-chave veredas (explicação também enviada ao tradutor alemão Curt Meyer-Clason):

Você sabe, desde grande parte de Minas Gerais (Oeste e sobretudo Nordeste), aparecem os “campos gerais”, ou “gerais” – paisagem geográfica que se estende, pelo Oeste da Bahia, e Goiás (onde a palavra vira feminina: as gerais), até o Piauí e ao Maranhão.

O que caracteriza esses GERAIS são as chapadas (planaltos, amplas elevações de terreno, chatas, às vezes serras mais ou menos tabulares) e os chapadões (grandes, imensas chapadas, às vezes séries de chapadas). (Brasília é uma típica chapada...) É tão poroso que, quando bate a chuva, não se forma lama nem se veem enxurradas, a água infiltra, rápida, sem deixar vestígios, nem se vê, logo depois, que choveu. A vegetação é do cerrado: arvorezinhas tortas, baixas, enfezadas (só persistem porque tem longuíssimas raízes verticais, pivotantes, que mergulham a incríveis profundidades). E o capim, ali, é áspero, de péssima qualidade, que, no reverdecer, no tempo das águas, cresce incrustado de areia, de partículas de sílica, como se fosse vidro moído: e adoece por isso, perigosamente, o gado que o come. Árvores, arbustos em má relva, são, nas chapadas, de um verde comum, feio, monótono.

Mas, por entre as chapadas, separando-as (ou às vezes, mesmo, no alto, em depressões no meio das chapadas) há as veredas. São vales de chão argiloso ou turfo-argiloso, onde aflora a água absorvida. Nas veredas, há sempre o buriti. De longe, a gente avista os buritis, e já sabe: lá se encontra água. A vereda é um oásis. Em relação às chapadas, elas são, as veredas, de belo verde-claro, apazível, macio. O capim é verdinho-claro, bom. As veredas são férteis. Cheias de animais, de pássaros.

(...)

Em geral, os moradores dos “gerais” ocupam as veredas, onde podem plantar roça e criar bois. São os veredeiros. Outros, moram mesmo no alto das chapadas, perto das veredinhas ou veredas altas, que como disse, também há, nas dobras das chapadas: estes são os “geralistas” propriamente ditos (com relação aos veredeiros, isto é, em oposição aos veredeiros). Mas o nome geralista abrange, igualmente, a todos: os veredeiros e os geralistas propriamente ditos. Quem mora nos gerais, seja em vereda ou chapada, é geralista. Eu por exemplo. Você, agora, também.

Nas veredas, há às vezes grandes matas comuns. Mas, o centro, o íntimo vivinho e colorido da vereda, é sempre ornado de buritis, buritiranas, sassafrás e pindaibas, à beira da água. As veredas são sempre belas!” (Guimarães Rosa em correspondência para o tradutor italiano Edoardo Bizzarri in Rónai, 2020, p.260, 261).

Para Santos (2017), a literatura roseana, ao combinar elementos da oralidade no discurso escrito e do recurso a memórias recolhidas, cria uma “memória do sertão”, pois é no discurso que a memória mobiliza um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Assim, sua obra se apodera da memória coletiva e registra em palavras, e constitui uma perspectiva sobre o “universo mental do sertão” (Santos, 2017).

Diversos estudos ressaltam as características sociais do povo sertanejo presente em sua obra, como o papel dos amores em sua literatura superam os costumes da vida pública para a vida privada (Roncari, 2004); a formação dos homens e o papel das mulheres, território violento e hostil às mulheres (Alves, 2011), decorrente de um funcionamento social baseado na violência.

Para Sales (2012) Rosa fala, através de sua personagem Riobaldo, de uma Minas Gerais quase sempre deslocada do centro da historiografia produzida sobre o Estado, que extrapola as fronteiras estaduais, enveredando por partes da Bahia e de Goiás. A narrativa discorre sobre a vida no sertão e que serve de base de reflexão sobre o Brasil da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX – o momento histórico referenciado na obra - de transição da monarquia para república, momento de transição política e ideológica para a nação em que a confrontação de dimensões rural e urbana são contrastantes no estabelecimento de identidade (Demetrio, 2011).

Outros irão pontuar o momento histórico em que a obra foi publicada: durante o governo de Juscelino Kubitschek, quando se prometia colocar a modernização do país par e passo com a modernidade, quando a capital federal no interior prometia levar progresso ao sertão e integrá-lo definitivamente à civilização (Albuquerque Junior, 2009), indeterminando as versões sertanejas e citadinas sobre o sertão (Hansen, 2008).

Santiago (2013), com base em estudos de Levinio Coelho e Saul Martins, discorre que a obra tem como tema central a guerra no São Francisco, em que clãs disputavam presença e poder (guerra política) na margem esquerda do São Francisco, com disputa entre serranos que se refugiaram entre Minas e Bahia e se configurando enquanto mercenários de aluguel.

Segundo o pesquisador, durante o período republicano, a primeira ação bélica de maiores proporções no velho chique mineiro, foi a tomada da cidade de São Francisco em 1896, por um grupo de 40 serranos. Seus estudos enfocam a análise da situação de violência coletiva enquanto endêmica, resultando na crença no corpo fechado dos mandões que estavam inseridos em áreas fronteiriças, não apenas entre Bahia e Minas Gerais, mas de exploração econômica da mineração e da pecuária extensiva, e da proximidade com áreas ocupadas por quilombolas, indígenas e populações tradicionais sertanejas.

Em GS:V as referências a essa guerra no Rio São Francisco são inúmeras: Antônio Dó, Andalécio, Rotílio Manduca, João Duque, Felão, personagens históricos do ciclo de Dó ou precedentes, são presentes no romance. Personagens que estão inseridos em desenvolvimentos posteriores da época do couro, mas que poderia situar na “cultura do couro, ou civilização do couro” (Santiago, 2013).

Para Lima (2017), a obra tensiona presente, passado e futuro, apresenta em uma das cenas emblemáticas do livro (o tribunal do sertão) a possibilidade de uma outra sociabilidade sertaneja, com a justaposição da força e da civilização, no entanto, essa conciliação cessa e volta-se à barbárie, onde impera a racionalidade desencantada, atribuindo ao sertão o dilema local/universal como reflexão do pensamento, do imaginário e do processo social brasileiro.

Assim, redimensiona o sertão, mostrando como suas dimensões sociopolíticas e culturais extrapolam os limites físicos, que apresentam o sertão em sua contradição, existência conflitiva, nunca em sua homogeneização (Lima, 2017), aproxima do “lôcus privilegiado” de observação característico da fronteira (Martins, 2009).

Por Guimarães Rosa estar inserido em um repertório interpretativo que é acumulativo, o sertão roseano é herdeiro de sertões anteriores. Mesmo que um herdeiro subversivo. E como tal, é um lôcus sugestivo para perceber as comunicações entre passado, presente e futuro, “um fio de Ariadne, por assim dizer” (Bastos; Botelho, 2010, p. 494), já que a tensão entre presente e passado produz novas e incontornáveis leituras. Olhar também para as permanências, portanto, mesmo que a colocando em xeque ou sob um novo olhar, é fundamental para compreender o movimento do pensamento e do processo social, o que lhes são constitutivos. (Lima, 2017, p. 91, grifo nosso).

Outros vão além ao sentido de mostrar que sua obra revela características de nossa cultura nacional, podendo ser interpretada como um romance de formação do Brasil (Bolle, 2004), constituindo retratos do Brasil (Oliveira, 2019).

Ao encenar os antagonismos – a arqueologia da servidão, a história da mão de obra, as relações entre cidade e sertão, o regime de desmandos, o problema social e a indagação sobre a identidade do “povo” e da “nação” –, Guimarães Rosa apresenta no seu romance elementos básicos da formação do país. (Bolle, 2004, p.377).

Assim, para Bolle (2004), a narrativa roseana desconstrói e constrói a história do país, em diálogo com os estudos de interpretação de nossa cultura: de Euclides da Cunha a Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr, Antônio Candido, entre outros. Roncari

(2007) também chama a atenção para uma das camadas da composição literária que revela os dilemas de um Brasil em transtornos na vida político-institucional.

Do meu ponto de vista, esse universo possui também como camada importante de sustentação uma alegoria histórica dos dilemas do trânsito no Brasil de uma vida costumeira arcaica e desordenadas (Ricardão, Hermógenes, Nhorinhá, Diadorim, Jiní etc.) para uma vida institucional moderna ordenada (Joca Ramiro, Zé Bebelo, Otacília, Rosalina etc.). E é justamente isso que Guimarães parece ter querido representar no Grande sertão...: o drama do Brasil, na vida pública e privada, captado num momento de grandes indefinições, quando ainda os dois ventos contrários, o da tradição dos costumes e o da civilização das instituições importadas, trombavam com a mesma força, criando a imagem do redemoinho e do diabo no meio, que podia pôr tudo a perder. (Roncari, 2007, p. 149).

Assim, o escritor utiliza de elementos históricos e sociológicos externos como fatores internos de construção da obra literária, tal como aponta Antônio Candido, seja na escala regional, como enfocam alguns estudos, seja na escala nacional ou mesmo universal: “O Sertão é o Mundo” (Candido, 2002, p. 139).

Para além da literatura enquanto possibilidade de compreensão do mundo, seja do momento de escrita do autor, seja do momento à que se refere, seu uso vem sendo indicado enquanto uma importante ferramenta em contextos contemporâneos, e aqui, em especial refere-se ao uso da literatura roseana. Alguns estudos indicam a possibilidade do uso da literatura de forma a reverberar no espaço e impulsionar o desenvolvimento de iniciativas de fomento a transformação na dinâmica sociocultural (Aguiar, 2018); à partir da configuração de uma rede roseana de atuação diversa no território, com lideranças de organizações não governamentais, de unidades de conservação, ou ainda artistas, população local e pesquisadores, que amplificam a obra e estabelecem circulações, alianças e conexões em configurações socioculturais, ambientais e territoriais dos Gerais (Barbosa, 2019) e passam também a ter impactos sobre as resistências socioambientais, cujas propostas se inspiram na matriz literária (Barbosa, 2013).

Pode ainda, constituir-se enquanto um campo artístico-cultural interseccionado com questões de desenvolvimento rural (Meyer, 2015), ou ainda, estabelecer-se estrategicamente como patrimônio cultural imaterial com apelo performático não apenas à literatura, mas também com adesão ao discurso da economia criativa (Meyer; Marques; Barbosa, 2016).

Outros irão assinalar para a possibilidade da obra roseana ser utilizada enquanto ferramenta para interpretar e narrar processo, atores e ambientes de um “sertão mundo” (Moraes; Oliva, 2013), ou mesmo utilizado enquanto prática museológica inclusiva e participativa, como durante a permanência do *Corredor Cultural do Sertão Mineiro de Guimarães Rosa*⁹, protagonista de atividade pedagógica, científica e cultural adaptado à realidade das comunidades visitadas pela modalidade de ensino (Mourão et al., 2021).

atribuída a diferenciados lugares, muitas vezes imposto em distintos contextos históricos para atuar como qualificativo segundo a mentalidade reinante e os interesses vigentes (Moraes, 2003). “O sertão está movimentante todo-tempo” (Rosa, 2019 p.371).

Santos (2009), historiador que se propôs a compreender o Norte – Noroeste mineiro, mostra como, em sua época colonial, essa região se estabelecia enquanto zona de fuga para paulistas e reinóis em conflito. Se localizava no encontro de três capitanias (Bahia, Pernambuco e Minas Gerais) e as dificuldades de comunicação e fiscalização, aliada às grandes distâncias aos centros urbanos, acentuavam a precariedade do controle sobre essa região pela coroa metropolitana.

Configurava-se como região de fronteira, de um mundo colonial que ainda permanecia desconhecido, onde homens percorriam vastas regiões nos confins do sertão, em meio à constante luta contra índios, processo marcado pela violência e pelo extermínio dessas populações, que seguiram depois com a fixação dos bandeirantes paulistas. Essa condição de fronteira perdura em sua época republicana, como pode-se inferir pelos relatos de Teodoro Sampaio (2002), citado anteriormente, com passagens narrando guerras entre jagunços e soldados do governo, ou entre eles próprios e que são retratados em GS:V. O romance roseano não apenas retrata a sociedade sertaneja que dá visibilidade aos excluídos da história econômica do país (Bolle, 2000), como também narra a partir dos grandes fazendeiros criadores de gado e vaqueiros submissos a eles (Almeida, 2008).

Grupos quilombolas e indígenas, que também povoavam o sertão, passaram a habitar áreas de difícil acesso, muitas vezes no interior de matas fechadas, áreas distantes, ou nos intermédios dos centros econômicos, a fim de se perpetuarem ou mesmo se firmarem enquanto grupo social, num processo cunhado como etnogênese (Cunha, 2012).

É uma região de síntese porque no seio das grandes fazendas se encontraram lado a lado, a criação de gado e o cultivo da terra, fazendeiros e camponeses. E, mais ainda, nas terras destes “Gerais” ocorreu o encontro de índios, ex-escravos, os vaqueiros e colonizadores. É no encontro destas culturas, de formas diferentes de pensar e sentir o espaço, que se concretiza o território Norte mineiro. (Martins; Souza, 2013, p. 132-133).

Esses grupos são atualmente considerados populações e povos tradicionais, que expressam territorialidades específicas, caracterizados pela relação próxima com o ambiente, estabelecendo vínculos de solidariedade (Costa, 2006).

Diversos estudos irão apontar o vínculo da cultura desses grupos sociais com o ambiente, aplicando-se o conceito de etnicidades ecológicas cunhado por Parajuli (Costa 2006; Nogueira, 2009; Cunha, 2012; Martins, 2013; Dayrell, 2019); pela relação próxima dessas populações com o ambiente e cultura, tecida pelas especificidades locais. Tradições decorriam de heranças passadas, gerando laços de solidariedade nas relações de vizinhança, em trabalhos de mutirões, ou ainda, na existência de figuras de apoio coletivo como parteiras, benzedadeiras, raizeiros (Cunha, 2012).

Além daqueles vinculados à economia do gado, negros aquilombados, indígenas e brancos despossuídos habitaram espaços de grande diversidade natural da região: o cerrado – cerradão, campo sujo, matas de galeria, veredas – a caatinga e faixas de transição entre um bioma e outro. Todas essas áreas forjaram identidades diversas que vinculam a população ao meio, uma territorialidade que une cultura e ambiente, são as identidades territoriais reflexo da interiorização pelas populações da natureza e dos espaços de vida (Costa, 2006; Almeida, 2008). (Cunha, 2012, p. 132).

Figura 3: Área de lavoura próximo ao Rio Pardo



Fonte: Elaborada pela autora Gabriella Radoll, 2019.

Enquanto as veredas, terras de cultura, tinham ocupações demarcando posses e propriedades particulares, lócus do trabalho sobre a terra (Nogueira, 2009), quintais associados com áreas de lavoura (figura 3) onde se produz o ano inteiro frutas, leguminosas, cereais, tubérculos e folhosas (Dayrell, 2019); os Gerais são de uso comum, para a coleta de frutos, ervas e madeiras e para criação de gado solto (Martins, 2012), com a divisão entre as famílias dos direitos de acesso a esses recursos. O controle se dá de maneira consensual, entre vários grupos familiares que compõem a unidade social. E para os gerazeiros, os ambientes dos Gerais não são considerados apropriados para o cultivo, pois estão longe dos cursos d'água, e quando chove, logo seca. Assim, se organizam em cada ambiente de acordo com as aptidões para cada atividade. Diferenciam-se assim essas unidades em termos de direitos e usos (Nogueira, 2009).

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo

dá — fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. (Rosa, 2019, p. 13).

Para Nogueira (2009) essa diferenciação se estabelece também simbolicamente. Se os gerais é espaço de natureza indômita, agreste, é também de natureza difusa, ambígua, porque ao mesmo tempo em que é espaço da dádiva pelos recursos decorrentes da natureza pouco alterada, ela guarda segredos e riscos. Espaço da liberdade, em oposição às veredas, lugar do aconchego, da segurança e da estabilidade. E onde a produção de alimentos depende claramente do trabalho.

Mas o sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no sertão só alcançam de reger em rédea por uns trechos; que sorrateiro o sertão vai virando tigre debaixo da sela. (Rosa, 2019, p.270).

— “Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano! — ...ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor, conforme o senhor mesmo. (Rosa, 2019, p.373).

Os gerais, ou o “grande sertão” por sua totalidade em contrariedade às veredas, estão como no título da obra de Guimarães Rosa, separados por dois pontos que como assinala Rónai:

Assim o sinal - : - entre os dois elementos do título teria valor adversativo, estabelecendo a oposição entre a imensa realidade inabrangível e suas mínimas parcelas acessíveis, ou, noutras palavras, entre o intuível e o conhecível. (Rónai, 2001, p. 17).

Assim, destacam o caráter transitório e sazonal, ocupando-se parte do ano com criação de gado nos campos das chapadas, enquanto na estação seca, plantavam nos brejos e veredas, outros plantavam nas vazantes de rio; já nas chuvas plantavam nas áreas de mata seca (Cunha, 2012). O acesso à terra, em particular na margem esquerda do Rio São Francisco, era livre, ao menos até a década de 1980 (Dayrell, 2019).

Se a presença desses povos permeou a ocupação do norte mineiro não há como não estranhar a existência do município de nome de Chapada Gaúcha, que carrega não apenas em seu nome, como em seu hino e sua bandeira, símbolos e marcas de um povo à princípio estranho a essa localidade. Advindo de processos que visavam a modernização do cerrado, e a transformação dele em área agricultável – desconsiderando as formas de cultivo citadas anteriormente, que se estabelecem de forma mais íntima com as sazonalidades e as propriedades inerentes do cerrado –, a chegada dos sulistas não apenas no norte mineiro, como em grande parte do Centro-Oeste e cada vez mais a Norte e Nordeste, no que veio a ser chamado de diáspora gaúcha, se estabeleceu enquanto uma rede regional gaúcha (Haesbaert, 1997).

A migração sulista que deu origem a Vila dos Gaúchos (hoje sede do município de Chapada Gaúcha) decorreu em parte do Programa de Assentamento Dirigido a Serra das Araras (PADSA), com auxílio da privatização de terras devolutas durante o regime ditatorial, sob coordenação da Ruralminas. Atualmente podemos também citar o Programa Pró-Noroeste

de Minas, lançado em 2010 no intuito de incentivar o plantio de soja de 2,5 milhões de hectares em Minas Gerais. Contou com divulgação da infraestrutura e acesso a créditos existentes e planejados e com visitas a produtores de soja no Paraná e no Rio Grande do Sul pela “sua tradição na produção de soja e pela característica expansionista dos seus produtores” (Seapa, 2010).

A chegada deles à região é calcada em discursos vinculados ao caráter desbravador, constituindo uma espécie de mito, configurando a sua saga (Lima, 2014). E que, o que pode ser uma possível legitimação de direitos sobre as terras, principalmente considerando que inicialmente ocupavam as chapadas, os Gerais, reiteram em seus discursos a ocupação de terras desocupadas e que “nada dava”. Nos vales, as dinâmicas de ocupação do território contaram ainda com a instalação de empresas de reflorestamento, parte delas com incentivos públicos provenientes de políticas da SUDENE¹³. Assim, as terras devolutas que não foram cedidas aos programas de assentamento dirigido, foram em sua grande maioria cedidas às empresas em prol das atividades de carvoejamento e de implantação da cultura de eucalipto (Salgado; Vargas, 2010; Cunha, 2012). Por outro lado, o avanço da monocultura e o desmatamento do cerrado mobilizou outros agentes sociais que viabilizaram a constituição de unidades de proteção ambiental, a exemplo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Veredas do Acari e o Parque Estadual Serra das Araras.

Muitas comunidades ficam, dessa forma, cerceadas de um lado pelo avanço da monocultura e de outro pela formação de áreas de conservação natural de proteção integral, nos processos de mercantilização ambiental, que compartilham uma visão de “um mundo não-econômico e despovoado para colonizar, onde atividades e pessoas antigas são erradicadas conforme novas avaliações são decretadas” (Rasmussen et al., 2017, p.390, tradução nossa).

Se os solos do cerrado foram considerados pobres e impróprios por muito tempo para a agricultura, o seu cultivo pelos povos tradicionais vem, no entanto, mostrar que tais concepções podem apenas considerar parâmetros de um certo modelo de agricultura (Nogueira, 2009). São exigências que não se comparam com as culturas alimentares das plantas do cerrado (pequi, araticum, buriti, mangaba, cagaita, entre outros), que fizeram parte da dieta dos povos do cerrado e que hoje estão sendo valorizadas pela sua forma de produção e por sustentar uma das mais ricas biodiversidades do planeta (Nogueira, 2009).

Assim, as fronteiras de GS:V são reatualizadas num processo arritmico e cíclico, a partir da exploração de novos recursos naturais, em processos de “mercantilização ambiental” (Rasmussen et al., 2018). Esses processos ocorrem a partir da extração (como no caso em que observamos a destituição de terra para novas áreas agrícolas e para a silvicultura) e da conservação (a exemplo da formação de unidades de conservação ambiental). Tais dinâmicas são por vezes reforçadas pelo Estado, seja pela atuação incisiva, seja pela sua ausência, como com a omissão e supressão de leis e do controle de recursos (Rasmussen et al., 2018).

Figura 5: Distrito de Chapada Gaúcha



Fonte: Polícia Militar de Chapada Gaúcha, modificado pela autora Gabriella Radoll.

Figura 6: Divisa do Parque Nacional Grande Sertão: Veredas



Fonte: Lalo de Almeida – Folha de São Paulo, 2021.

Uma das imagens emblemáticas da região é do núcleo urbano conformado pela sede do município de Chapada Gaúcha, que apresenta a área urbanizada, grandes fazendas monocultoras de semente de capim e soja fazendo a divisa da área protegida do Parque

Grande Sertão: Veredas, sem qualquer zona de amortecimento (figuras 5 e 6). A sede concentra os serviços e o atendimento da municipalidade além de recepcionar diversos eventos culturais e se estabelecer enquanto ponto de encontro, ou ao menos, passagem, para diversas comunidades dispersas no território, e encontra-se em plena expansão de sua área urbanizada (figura 7). Já a outra centralidade do município, Serra das Araras (citado em GS:V figura 8), distrito antes pertencente ao município de São Francisco, é um distrito histórico, cujos relatos de romarias e peregrinações remontam ao menos meados do século XIX¹⁴. Duas são as principais festividades no distrito, a romaria e festa de Santo Antônio, em junho e a festa de Santa Cruz, em maio, eventos que chegam a recepcionar milhares de pessoas, estabelecendo-se como centro de peregrinação e de espiritualidade no noroeste/norte mineiro. Os casamentos e batizados realizados durante a festa de Santo Antônio, bem como toda a estrutura temporária que se estabelecia para receber os peregrinos foi foco de interesse de um ensaio fotográfico da Revista Cruzeiro em 1954, retratando os modos e sociabilidade à época.

Figura 7: Expansão da área urbanizada na sede do distrito de Chapada Gaúcha



Fonte: Elaborado pela autora Gabriella Radoll.

Figura 8: Expansão da área urbanizada na sede do distrito de Serra das Araras



Fonte: Elaborado pela autora Gabriella Radoll.

Até hoje seu acesso é realizado apenas por estrada de terra, e se torna uma localidade secundária em relação às sedes dos municípios de Chapada Gaúcha e de Januária, tendo grande parte das residências apenas ocupadas em períodos festivos.

Novamente, estamos diante de uma mudança bastante brusca da modernidade, de uma população voltada aos ritmos da natureza, guiada pelos cursos d'água, para outra agora dependente das circulações lineares das estradas para veículos automotores, cada vez maiores, dependentes de condições para caminhões biarticulados no escoamento dos produtos agrícolas.

Hoje a principal atividade econômica da cidade de Chapada Gaúcha é a agropecuária responsável por mais de 45% do PIB, seguido por serviços (32%), administração pública (19%) e indústria (0,03%) (IBGE, 2021). Em termos de trabalhadores, os setores econômicos que mais reuniram trabalhadores foram: agricultura, pecuária e serviços relacionados, seguidos por administração pública, defesa e seguridade social (Data MPE Brasil, 2022). Assim, são muitos hoje os descendentes de quilombolas, de assentados, veredeiros, geraizeiros, que encontram como principal fonte de renda, ou a complementação dela, o emprego junto às atividades agrícolas monocultoras e às atividades terciárias delas decorrentes. Não é raro o relato de parentes próximos, ou mesmo integrantes do núcleo familiar, migrarem aos núcleos urbanos próximos (na sede do município de Chapada Gaúcha, Arinos ou mesmo Brasília), seja em percursos que fazem diariamente, semanalmente ou, mais comum, morando nesses núcleos e retornando apenas em momentos de confraternização, lazer ou durante as festas.

Dentro desse contexto se reproduz características e relações políticas, sociais e econômicas que estão relacionadas com o coronelismo e clientelismo, que ainda existe¹⁵ em fricção com outros processos que complexificam as atividades capitalistas no campo e trazem novos atores em diferentes temporalidades.

Sob essa ótica, o sertão se anuncia enquanto espaço fronteiro – nos seus mais diversos aspectos: sociais, econômicos, políticos etc. – e que, portanto, se constitui como um lugar privilegiado para a observação dos conflitos e das dificuldades próprios da constituição do humano no encontro de sociedade que vivem no seu limite e no limiar da história (Martins, 2009). A fronteira se estabelece enquanto a síntese contraditória entre permanências e mudanças, pela distância em relação aos centros urbanos e industriais que influenciam, porém não homogeneizam, esses territórios (Favareto et al., 2015).

CONCLUSÃO

Se como apontado por Candido, a literatura pode dizer mais da realidade do que a própria realidade, essa máxima parece ter mais relevância em relação a literatura roseana, que como ressaltado, desde o processo de sua escrita, até a análise da obra acabada pode ser considerada enquanto testemunho de modo de vida de sujeitos subalternos da história (Fantini, 2008), ou ainda, como acrescenta Roncari (2007) pode futuramente indicar que tenha mais de história do que o visto até aqui.

O que os autores que se debruçaram sobre a obra de Guimarães Rosa buscam demonstrar é a capacidade da obra ficcional corresponder em parte à nossa realidade, ou ainda, à história de formação do Brasil. A diferença entre os autores estudados, está justamente em relação ao peso da obra, alguns considerando que o romance ilustra aspectos histórico-sociológicos e outros, com a capacidade da literatura não apenas estabelecer relações com a historiografia disponível, mas também de questioná-la (Bolle, 2004). A literatura pode exercer essa dupla função, ao constituir um acesso direto ao real e ao histórico, ou se desvincular de um compromisso de fidelidade como real. No caso da obra roseana, é possível dessa forma ler a história pelo romance, com estatutos da história e da literatura de modo a ressignificá-los (Costa, 2012).

Dessa forma, faz jus as três camadas do texto identificadas por Roncari (2004): uma baseada na experiência do autor e seus vínculos com a tradição literária brasileira, onde retomava temas do sertão, do jagunço, do gado, da grande propriedade agrária, e seus conflitos decorrendo do processo de modernização e dos modos de expressão tradicionais, uma segunda, decorrente da erudição literária e filosófica do autor, na elaboração da dimensão simbólica, universal e mítica em sua obra, ambas camadas recorrentes na crítica roseana, e uma terceira, a alegoria da história da vida político-institucional dos primeiros tempos da República.

Como abordado anteriormente, as obras de Guimarães Rosa - aqui reiterada na obra GS:V - falam de localidades, de histórias e releituras do sertão mineiro, e servem sempre de inspiração para os inúmeros trabalhos e pesquisas que visam decifrar essa e seus outros escritos ainda mais. Falam de povos sertanejos, mas também da sociedade brasileira (Roncari, 2004; Bolle, 2004) com suas contradições derivadas de um processo de modernização conservadora, de um mundo rural que se pretende urbano (Hansen, 2018).

A obra, portanto, redimensiona o sertão, mostrando como suas dimensões sociopolíticas e culturais extrapolam os limites físicos, que apresenta o sertão em sua contradição, existência conflitiva, nunca em sua homogeneização (Lima, 2017), aproxima dessa forma do "lôcus privilegiado" de observação característico da fronteira (Martins, 2009).

"Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?" (Rosa, 2019, p. 125)

Presume-se, portanto, que a interação entre representações literárias e dinâmicas territoriais contribuem para a compreensão das mudanças e permanências na identidade nas relações sociais no contexto sertanejo. Revelam uma complexificação das dinâmicas territoriais em curso que ao que tudo indica, não acaba com o sertão, mas ilustra cada vez mais suas contradições.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fabrício César de. **O pacto entre Rosa e Sertão: a encruzilhada do espaço com a literatura**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Feral do Paraná, Curitiba, 2018.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Quando a gente não espera, o sertão vem**: Grande sertão: veredas, uma interpretação da história do Brasil e de outros espaços. ArtCultura. Uberlândia, v. 11, n. 18, 2009, p. 195-205.

ALMEIDA, Nilo Américo Rodrigues Lima de. **Conservação no cerrado, território, política pública: mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALVES, Cristiane da Silva. **Do sertão às artimanhas do narrador : ou investigando o Grande sertão e as suas veredas**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. **Giro dos afetos**: a literatura rosiana no meio do redemoinho. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

_____. **Sertão Cerrado de Guimarães Rosa**: espaço movimentante. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BOLLE, Willi. **grandesertão.br**: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.

BRAGA, Paola Luchesi. **Ensaio sobre a literatura de Rosa enquanto mapa pro Sertão**. In: XVIII Encontro Nacional de Geógrafos. São Luis, 2016

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Todavia, 2023.

_____ O homem dos avessos. In: CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese: Ensaios**. São Paulo: T. A. Queiróz, 2002, p. 131-139.

_____ Personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Decio de Almeida Pradi, GOMES, Paulo Emílio Sales. **Personagem de Ficção**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007, p. 51-80.

COSTA, João Batista de Almeida. Populações tradicionais do sertão Norte Mineiro e as interfaces socioambientais. **Revista Cerrados**, [S. l.], v. 4, n. 01, p. 81–108, 2006. .

CUNHA, Maria das Graças Campolina. Territorialidades sertanejas: Permanências e Transformações no Espaço Rural Nortemineiro. In: João Batista Costa, Cláudia Luz de Oliveira. (Org.). **Cerrado, Gerais, Sertão**: comunidades tradicionais no sertão roseano. 1ed.São Paulo: Intremeios, 2012, p. 129-143.

DAYRELL, Carlos Alberto. **De Nativos E De Caboclos**: Reconfiguração Do Poder De Representação De Comunidades Que Lutam Pelo Lugar.Tese (Doutorado em desenvolvimento social) 2019.

DEMETRIO, Everton. Diálogos de Ficção e História: Tradição e modernidade no Grande Sertão de Guimarães Rosa. **MNEME – Revista de Humanidades**, 12 (30), 2011.

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa**: fronteiras, margens, passagens. São Paulo: Editora SENAC, 2008. 2a edição

FAVARETO, Arilson da Silva; Kleeb, Suzana; Galvanese, Carolina; Seifer, Paulo; Moralez. Rafael. **Metamorfoses da dominação nos territórios rurais – qual a extensão das mudanças recentes nas regiões interioranas do Brasil contemporâneo?** 39o Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), n. 39, p. 41, 2015.

HAESEBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste.Niterói: EdUFF, 1997.

HANSEN, João Adolfo. Grande sertão: veredas: “uma máquina de moer ideologias” em entrevista a Andre Dicke e Patricia Fachin. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. Edição 275, setembro de 2008.

HANSEN, Marise Soares. **Guimarães Rosa e a revista Senhor**: uma poética da integração. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

LIMA, Camila Teixeira. In: **Grande sertão, 60 anos**. LIMA, Francisco Wellington et al. (orgs) – Macapá: UNIFAP, 2017. p. 81-95.

Lima, Gladstone Pereira. **“E o Grande Sertão virou pampa”? : (des)continuidades na invenção dos povos do município de Chapada Gaúcha (MG)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Unimontes, Montes Claros, 2014.

MARTINS, Geraldo Inácio. SOUZA, Angela Fagna Gomes de. **O Com-viver de Tempos-espaços: Territórios e Representações entre os Veredeiros do Parque Nacional Grande - Veredas**. GEONORDESTE, Ano XXIV, n.1, 2013.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MENEZES, Adiano Teles de; BARROSO, Eloisa P. **Turismo Literário no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Conceituação e Ações Praticadas**. Anais do Seminário da ANPTUR, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/374.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

MEYER, Gustavo. **O campo artístico-cultural em terras de Guimarães: uma entrada para o desenvolvimento**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015

___; MARQUES, Flávia Charão; BARBOSA, Gabriel Túlio. Entidades performáticas e desestabilização: o desenvolvimento local para além do mainstream. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, v. 17, n. 1, p. 33-45, 2016.

MEYER, Monica. **Ser-tão natureza**: a natureza em João Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. O Sertão. **Terra Brasilis**, n. 4–5, p. 4–5, 2003.

MORAES, Maria Dione Carvalho de; OLIVA, Patrícia Carvalho. Etnografando o sertão-mundo de João Guimarães Rosa (Antropologia e Literatura em Grande Sertão:Veredas. In: **Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística**. 14º encontro, 2013, Uberlândia. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

MOURÃO, Nadja Maria; CASTRO, Flávia Neces de Oliveira; OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MACIEL, Rosilene Conceição. Museus itinerantes para o protagonismo da ciência e da cultura em Minas Gerais. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.6, 2021.

NOGUEIRA, Monica Celeida Rabelo Nogueira. **Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, Rízia Lima de. **Grande Sertão: Veredas: O Retrato Alegórico do Brasil**. Revista De Ciências Humanas, 19, 2019, p. 17-26.

RASMUSSEN, Mattias Borg; LUND, Christian. Reconfiguring Frontier Spaces: the territorialization of resource control. **World Development** 101, 2018 p. 388-399.

RÔNAI, Paulo. **Rosa e Rónai: o universo de Guimarães Rosa por Paulo Rónai**, seu maior decifrador. MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri; Spiry, Zsuzsanna (orgs.). Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

----- **Prefácio**. Grande Sertão: Veredas. 19. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. São Paulo: Editoria UNESP, 2004.

----- **O cão do sertão: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade**. UNESP, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 22a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SALES, Cristiano Lima. **Grande Sertão: Veredas, “lugar de memória” e ponte para a história de uma Minas Gerais esquecida**. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas. Ministério da Educação Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri Minas Gerais: UFVJM, nº. 02 ,2012.

SALGADO, Cecília Langoni; VARGAS, Glória Maria. **A prática educativa e o desenvolvimento Territorial: um estudo de caso no município de Chapada Gaúcha, MG**. Anais do V Encontro Nacional da Anppas. Florianópolis, 2010.

SAMPAIO, Teodoro. **O rio São Francisco e a Chapada Diamantina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTIAGO, Luís Carlos Mendes. **O mandonismo mágico do sertão: corpo fechado e violência política nos sertões da Bahia e de Minas Gerais – 1856-1931**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. Montes Claros, 2013.

SANTOS, Fernanda. In: **Grande sertão, 60 anos**. LIMA, Francisco Wellington et al. (orgs) – Macapá: UNIFAP, 2017. p. 96-104.

SANTOS, Márcio. **Bandeirantes Paulistas no Sertão do São Francisco**: Povoamento e Expansão Pecuária de 1688 a 1734. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

VIGGIANO, Alan. **Itinerário de Riobaldo Tatarana**. 4a edição. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.

¹ Personagem principal de Grande Sertão: Veredas.

² Como denunciado pelo estudo realizado pela ONG Repórter Brasil. CAMARGO, Daniel. Ameaças, milícia e morte: A nova cara do Velho Chico. Repórter Brasil, 22 de maio de 2020.

³ Utilizaremos a partir daqui a sigla GS:V para referir à obra *Grande Sertão: Veredas*.

⁴ Essa entrevista foi extraída do documentário “Outro Sertão”, de Adriana Jacobsen e Soraia Vilela (2013 – 73’), com coprodução de Galpão Produções/ Instituto Marlin Azul.

⁵ Pode-se citar como defensores do universalismo de Guimarães Rosa: Antônio Candido, Willi Bolle, Walnice Nogueira Galvão, entre outros.

⁶ A representação que a literatura exerce, são elas próprias realidades, podendo propulsionar a história, conduzir sentidos e novas práticas sociais (Haesbaert, 1997).

⁷ Publicado pela editora Nova Fronteira, A Boiada contém o fac-símile do diário e os datilografados realizados a partir desse diário feito durante a expedição realizada seguindo a boiada de vaqueiros no sertão mineiro entre a Fazenda da Sirga e Araçai em maio de 1952.

⁸ Trechos de algumas dessas cartas podem ser encontradas em exposição no Museu Casa Guimarães Rosa em Cordisburgo.

⁹ O Corredor Cultural do Sertão Mineiro de Guimarães Rosa ocorre durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, sediado em Chapada Gaúcha e funciona como um espaço museológico itinerante focando na vida e obra de Guimarães Rosa, no bioma Cerrado, nos objetos da cultura local e em ações educativas correlacionadas.

¹⁰ O Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu foi reconhecido pelo Ministério do Meio Ambiente em 2009 e abarca um conjunto de áreas protegidas localizadas na margem esquerda do Rio São Francisco, entre as regiões norte e noroeste de Minas Gerais e parte do sudoeste da Bahia. Abrange uma área de 1.783.799 hectares e envolve unidades de conservação ambiental, comunidades tradicionais e a Terra Indígena Xakriabá. <https://mosaicospv.com.br/o-mosaico/>. Acesso em 12 de março de 2024.

¹¹ O Caminho do Sertão se propõe enquanto uma rota sócio eco literária e envolve várias entidades que atuam no sertão norte mineiro.

¹² Os estudos foram os utilizados como ponto de partida para a compreensão da extensão territorial abarcada pela obra, mas sempre com a atenção de que não se trata de demarcações e limites rígidos, como apresentado anteriormente.

¹³ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

¹⁴ Uma das primeiras referências que se tem da peregrinação a Santo Antônio nessa região está relatada por George Gardner em seu livro: Viagens pelo Brasil Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841 (p.309).

¹⁵ Uma matéria especial produzida em 2017 pelo Estado de Minas Gerais (Novas Veredas: O mapa do Grande Sertão nos 50 anos da morte de Guimarães Rosa) revela que ao menos 33 municípios da região norte e noroeste de Minas Gerais apresentam disputas agrárias, que em sua maioria, envolvem fraudes em processos de assentamento e ações para impedir o acesso de comunidades tradicionais de geraizeiros e veredeiros a serviços oferecidos pelo poder público, como energia elétrica e infraestrutura.